

A TRILOGIA DE ANTÔNIO TORRES NUM PARADIGMA PÓS-MODERNO: UMA ANÁLISE ESTRUTURAL

Prof^a Me. Amanda da Silva Rios
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Resumo: Pretendo, com o presente trabalho, realizar uma análise estrutural dos romances *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), trilogia do escritor Antônio Torres, obras contemporâneas, inseridas no novo paradigma literário trazido pela pós-modernidade. O objetivo é analisar essas obras e verificar a estrutura literária desses romances, a ruptura dos padrões narrativos convencionais no que concerne ao personagem, ao narrador, a organização interna da obra no contexto pós-moderno. Os teóricos que servirão de baliza para esse estudo são Ricoeur (1994), Brait (1990), Piglia (1996), dentre outros.

Palavras-chave: Análise estrutural; Antônio Torres; Romance pós-moderno.

Abstract: I intend with this study was to perform a structural analysis of the novels *Essa Terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelofundo da agulha* (2006), a trilogy from the writer Antônio Torres, contemporary works inserted in the new literary paradigm brought by postmodernity. The objective is to analyze these works and see the literary structure of these novels, the rupture of conventional narrative patterns in relation to the character, the narrator, the internal organization of the work in the postmodern context. The theorists who will serve as a reference for this study are Ricoeur (1994), Brait (1990), Piglia (1996), among others.

Keywords: Structural analysis; Antônio Torres; Postmodern novel.

Detentor de uma argúcia impar e de uma prosa que se consolida a cada dia como exemplo refinado da literatura brasileira contemporânea, Antônio Torres é, hoje, figura conhecida nos meios acadêmicos do Brasil e do exterior, e seus livros são leituras indispensáveis para os estudiosos do que de mais significativo se produziu no Brasil a partir da segunda metade do século XX.

Do baiano, nascido no Junco – hoje Sátiro Dias –, residente no Rio de Janeiro, aos 70 anos, constam até agora publicados 12 romances, dentre eles a trilogia, a partir da qual foi desenvolvido este trabalho, a saber: *Essa terra*, de 1976, *O cachorro e o lobo*, de 1997 e *Pelo fundo da agulha*, de 2006, também constam o livro de Contos: *Meninos, eu conto*, de 1999, Um livro de crônicas *Sobre Pessoas*, de 2009, dentre outras produções. Embora passeie confortavelmente por vários gêneros literários, o romance é não só quantitativamente, seu gênero de maior destaque.

A temática da migração é um dos pontos mais recorrentes na narrativa de Torres. Os romances da trilogia narram o complexo processo migratório dos nordestinos para a cidade de São Paulo, bem como a encruzilhada cultural a que são lançados. Essas obras inserem-seno contexto da pós-modernidade,

esta marcada por uma “nova ordem mundial de mobilidade, de histórias sem raízes” (CLIFFORD, 1997, p. 1 *apud* WALTER, 2009, p. 33). Ricardo Piglia assegura que “as ficções atuais situam-se além das fronteiras, nessa terra de ninguém (sem propriedade e sem pátria) que é o lugar mesmo da literatura mas que, ao mesmo tempo, se localizam com precisão em um espaço claramente definido.” (PIGLIA, 1996, p. 53). Hoje, não temos mais como fechar a obra literária em determinadas categorias, quanto à sua construção narrativa; esse terreno hoje é escorregadio e carece de diálogo com outros discursos, pois embora a literatura seja ficção, não deixa de evidenciar e questionar a realidade.

Nos três romances, a memória é traço marcante, uma das fontes de construção do personagem, como afirma Ataíde (1973, p. 40). O próprio Torres, respondendo a Beth Brait no livro *A personagem*, de onde vêm seus personagens, assegurou que “eles vêm de uma gaveta chamada memória” (BRAIT, 1990, p. 71). Diz o autor:

Com *Essa terra* a história é mais longa. Custou-me duas viagens ao sertão da Bahia. Eu queria saber quem tinha sido o homem que depois de muitas idas e vindas no eixo Nordeste – São Paulo, acabou por se enforcar no amarrador de uma rede. Mas todas as pessoas do lugar se negavam a tocar no assunto. O romance, então, foi se fazendo à medida que eu ia percebendo que a negação do fato era o próprio fato, em relação à tragédia daquele homem. Por falta de dados, a pessoa que eu buscava desapareceu. Aí nasceu o personagem. (BRAIT, 1990, p. 71).

Em *Essa terra* conhecemos a história de Nelo, contada por seu irmão Totonhim, que vivencia e nos conta a história de sua família composta por pai, mãe e doze filhos, sendo Nelo o primogênito e Totonhimo caçula. O enredo central é a ida de Nelo para São Paulo aos 20 anos e sua volta 20 anos depois, culminando no terrível desfecho de seu suicídio. Como menciona Ricoeur, “o mundo contado é o mundo do personagem e é contado pelo narrador” (RICOUER, 1995, 147). Nesse caso, narrador e personagem se fundem na mesma figura: Totonhim.

O romance é estruturado em três capítulos: “Essa terra me ama”, “Essa terra me enxota”, “Essa terra me chama”. Estes capítulos apresentam contextos ambíguos. Em “Essa terra me ama”, Nelo sonha em ir embora para São Paulo e acha que lá está sua felicidade, também pode ser lido como o amor de sua terra de origem. Em “Essa terra me enxota”, representa sua ida

para São Paulo e seu retorno, um duplo enxotamento. Já o capítulo “Essa terra me chama”, representa sua volta para o Junco, coincidindo com o retorno para o ventre da sua terra natal, onde ficará para sempre.

Por meio da violência da linguagem e da urgência estilística, é traçada a história de Nelo, um nordestino que viveu 20 anos em São Paulo e não encontrou a riqueza que almejava. Volta sem coragem para destituir os sonhos dos que o receberam como “o exemplo vivo de que nossa terra também podia gerar grandes homens” (TORRES, 2001, p. 10).

Na literatura, o tema da migração não é uma novidade. Ele já foi discutido e trabalhado por diversos autores, sob diversas formas. Os romances de Antônio Torres, no entanto, nos revelam esse processo de forma peculiar, dando voz aos sujeitos migrantes e mostrando a questão na perspectiva de quem está vivendo a situação. De acordo com Adriana Araújo, em sua tese de doutorado intitulada *Migrantes nordestinos na literatura brasileira* (2006), Torres é o primeiro autor que traz à tona a voz de personagens representantes dessa problemática, e que nos mostra a ótica de quem está vivendo a situação. Em *Essa terra*, o migrante aparece pela primeira vez na forma de um eu – finalmente chega à primeira pessoa o migrante nordestino. Com isso, o autor avança em relação aos demais autores que trataram dos migrantes e dos retirantes nordestinos.

Evidentemente, o foco narrativo em primeira pessoa não é suficiente para um aprofundamento psicológico dos personagens, mas Torres utiliza-se da apresentação direta de seus personagens. O narrador é o personagem e ele diz o que sente, seus medos, seus anseios, sua realidade. Totonhim é o narrador que segue e às vezes se funde nos delírios do irmão suicida. Foi abandonado pela mulher, que partiu com seu primo e levou seus dois filhos. Numa noite em que bebe um pouco demais, Nelo é abordado pelo primo soldado, que agora tem a família que lhe pertencia. Vejamos seus delírios de bêbado:

— Volta, volta — me debato, esperneio, imploro. — Estou me endireitando, estou ganhando dinheiro outra vez, faço negócios, compro confecções aqui e vendo no norte do Paraná — me sacolejo dentro das malhas, uma rede de malhas: os braços. — Semana passada ganhei um dinheirão em Londrina, parei de beber, agora trabalho duro, volta — um alicate na barriga, um arrepio, um estremeço.

— Volta, serei outro homem para você, serei outro Nelo, me perdoa, volta — um trompaço, mexem em meus bolsos, onde está a arma? — Não agüento mais, quero ver meus filhos, quero acordar todos os dias e ver os meus filhos — me apalpam, me beliscam, os faróis me atordoam, o povo me rodeia, todo mundo quer ver, o que foi que houve, um ladrão. — Volta, volta, pelo amor de Deus. (TORRES, 2005, p. 57-58).

Esse episódio despertou em Nelo a certeza de que precisava voltar; São Paulo Não era seu lugar. Sem família, sem dinheiro e sem condições de se manter, retornar à sua cidade natal se apresentava como a única alternativa. Apareceu sem avisar e causou o maior rebuliço no pequeno Junco, principalmente para o irmão Totonhim, que só o conhecia das histórias contadas pela mãe do filho rico de São Paulo. Quando Nelo foi para São Paulo, Totonhim era muito pequeno, e nos vinte anos em que viveu na cidade grande, Nelo não visitou uma só vez sua terra e sua família. No início mandava dinheiro e notícias; depois de um tempo nem isso chegava mais.

Desiludido e sem perspectivas, Nelo viveu as poucas semanas que passou no Junco bebendo e delirando. Em meio ao desespero, a verdadeira história por trás do retorno de Nelo é apresentada por ele próprio, em seus devaneios, no reconhecimento de seu fracasso, até eclodir no episódio fatídico:

— Nelo — gritei da calçada. — Vem me ensinar como se flutua em cima do tronco de mulungu. Me disseram que você já foi bom nisso. Não ouvi o que ele respondeu, quer dizer, não houve resposta. Não houve e houve. Na roça me falavam de um pássaro mal-assombrado, que vinha perturbar uma moça, toda vez que ela saía ao terreiro, a qualquer hora da noite. Podia ter sido o meu irmão quem acabava de piar no meu ouvido, pelo bico daquele pássaro noturno e invisível, no qual eu nunca acreditei. Atordoadado, me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela se abrisse — e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede.

— Deixa disso, Nelo — bati com a mão aberta no lado esquerdo do seu rosto e devo ter batido com alguma força, porque sua cabeça virou e caiu para a direita. — Deixa disso, pelo amor de Deus — tornei a dizer, batendo na outra face, e ele se virou de novo e caiu para outro lado.

Pronto.

Eu nunca mais ia querer subir por uma corda até Deus. TORRES, 2005, p. 12-13).

Com a morte do irmão, Totonhim toma a decisão de seguir seus passos e parte para São Paulo em busca de respostas para o fracasso de Nelo e no intento de conseguir algo diferente.

O cachorro e o lobo trata da visita que Totonhim faz ao Junco 20 anos depois de sua ida para São Paulo. A visita dura apenas um dia e o romance é

dividido em manhã, tarde e noite. Essa visita só foi concedida por conta do aniversário de 80 anos de seu pai. Sua irmã Noemia consegue seu telefone e lhe liga para dizer umas verdades. Ele foi o único filho a faltar na festa de arromba comemorativa do octogésimo aniversário do velho Totonho.

Relembrando os acontecimentos passados e o furor que a volta de Nelo causou na época, agora Totonhim compara seu retorno com o do irmão falecido:

Agora sou eu o que volta, sem festa nem foguetório. Pelo tempo em que estou à janela e pela rapidez com que as notícias correm neste lugar, já era para ter sido notado. Mas ninguém apareceu ainda para os rapapés de antigamente. Vai ver o ir e vir se tornou tão banal que já não impressiona a pessoa alguma. São Paulo virou um caminho de roça. O mundo ficou pequeno. Viajar já não é mais uma aventura emocionante. (TORRES, 1997, p. 69).

Totonhim passa apenas um dia no junco, mas é tempo suficiente para fazer um balanço dos anos de sua vida — vinte anos no Junco e vinte anos em São Paulo —, na casa de seu finado avô, onde há vinte anos encontrou o irmão Nelo enforcado no amarrador da rede. Agora está ele à janela, divagando:

Olho para este mundo feito de casas simples, lembranças singelas e gente sossegada, tudo e todos sob um céu descampado, e me pergunto se ainda tenho lugar aqui, se conseguiria sobreviver aqui, morar aqui. E me assusto com a pergunta (TORRES, 1997, p. 46).

O cachorro e o lobo é um livro de recordações; nele o personagem empreende um balanço dos vinte anos de sua vida que passou em São Paulo e dos vinte anos que vivera no Junco. A memória desempenha papel fundamental na narrativa; dela são extraídos os melhores e piores acontecimentos da vida de Totonhim.

Já o romance *Pelo fundo da agulha* é um relato das crises vividas pelo personagem, depois de vinte anos da visita à sua terra de natal. Numa perspectiva subjetiva e imaginária, Totonhim refaz o percurso de sua trajetória de vida e revisita as cidades por onde passou, com fragmentos de memória e hipóteses oníricas do que foi ou poderia ter sido sua história. Narrado em terceira pessoa, é uma narrativa memorialística e contemplativa. Dez anos após sua visita ao Junco, Totonhim faz um flashback de sua história: aposentado, separado da esposa e sem vínculos fortes com os dois filhos, é o

momento de se interrogar acerca das escolhas da vida e do preço pago por elas, conforme arrazoia seu narrador imaginário:

Depois do enterro do irmão, ele veio para São Paulo, de onde o outro retornara, para se enforcar nos confins da terra em que nascera. E aqui está, na cidade dos que vêm e vão, vão e vêm. Eis aí a rotação, o movimento pendular dos sem-chão: ir-e-vir, vir-e-ir. Haja estrada. Ele, porém, viera de vez, aos 20 anos, numa viagem sem volta. Mas bem que agora gostaria de regressar ao colo da sua mãe, para saber como ela viu o mundo pelo fundo da agulha da máquina de costura que serviu para vestir todos os filhos. E também para dar boas risadas com seu pai, como na última vez que se encontraram, e ter o prazer de ouvi-lo dizer de novo, de boca cheia, na sua entoada voz de terra, mato e sertão:

— Eita! Não se morre mais! (TORRES, 2006, p. 66).

O romance todo se passa na primeira noite de aposentado de Totonhim, do momento em que se deita até o momento em que adormece. Nesse período toda sua vida é repensada, também todas as perdas e ganhos que a migração lhe proporcionou. O personagem imagina várias situações de retorno, como seria recebido, como seria o contato com os familiares, em especial com a mãe, com quem mantém diálogos calorosos em muitas passagens do livro, esta que é o motivo do título do romance. Com mais de oitenta anos, ela ainda tem a visão boa a ponto de conseguir enfiar a linha no fundo da agulha e exercer seu ofício de costureira. Como ele mesmo assegura:

Agora se sentia como um marinheiro que perdera o barco do tempo — olha lá onde já vai; acabou de sumir na linha do horizonte! —, deixando-o plantado à beira de um cais imaginário, sem saber que rumo tomar (TORRES, 2006, p. 36).

As narrativas de Antônio Torres costumam ser interpretadas como autobiográficas, o que o autor nega veementemente, embora seja fruto dos processos migratórios, tendo saído do Junco aos 20 anos na tentativa de ampliar seus horizontes. Certamente sua vivência nesse contexto influenciou deveras suas narrativas, como ele mesmo afirma em entrevista:

Em alguns dos meus romances, acho que de alguma maneira em todos eles, tento buscar um entendimento do que se passa com os homens que trocam a sua terra por outra e que — é minha percepção — lá no fundo de si mesmos perdem a que tinham e não conquistam a outra (TORRES, 2006, p. 3, entrevista concedida a Roberto Seidel).

Seus personagens podem ser identificados facilmente com muitos nordestinos, mas nem por isso deixam de ser personagens. O autor afirma sobre seu processo de criação literária: “os seres reais que me serviram de

ponto de partida para o romance vão desaparecendo e dando lugar ao que chamamos de personagens. Uma gente que se cria, anda com suas próprias pernas e nos impõe o seu destino”, (TORRES, in: BRAIT 1990, p. 71).

Depreende-se da análise apresentada que a memória, sem dúvida, influência o processo de criação dos personagens de Torres; suas histórias não são autobiográficas, mas têm na sua experiência de vida uma fonte de inspiração. O deslocamento do homem de seu lugar de origem gera, de certo modo, incerteza quanto ao futuro, quanto à vida. A não linearidade dos enredos, a complexidade dos personagens são traços também desse novo paradigma literário trazido pela contemporaneidade. Portanto, a literatura e a realidade empírica situam-se em campos distintos, mas há uma confluência entre elas, uma vez que, como já foi dito, a literatura não deixa de evidenciar e de questionar a vida.

Referências

ATAÍDE, Vicente. *A narrativa de ficção*. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1973.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora ática, 1990.

PIGLIA, Ricardo. Ficção e teoria: o escritor enquanto crítico. *Travessia-Revista de Literatura*. Florianópolis, n. 33, p. 53, ago./dez. 1996.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

SEIDEL, Roberto H. Deslocamentos marcam a vida e a criação literária de Antônio Torres. *A Tarde, A Tarde Cultural*, Salvador, p. 3-4, 2006.

TORRES, Antônio. *Essa terra*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

Amanda da Silva Rios é graduada em Letras Vernáculas, pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Possui mestrado em Literatura e Diversidade Cultural pela mesma instituição. Tem diversos artigos publicados com estudos sobre o pós-moderno na literatura contemporânea, especificamente os romances do escritor Antônio Torres. É professora das redes federal e estadual de educação no estado Bahia.